

Muito obrigada, Margarida Alvim. Tal como disseste, estava a pensar no seguinte hoje de manhã: cada vez que entro em contacto com a Casa Velha algo de importante acontece na minha vida e tudo é como que reordenado. Por isso, agradeço-te muito, Pedro Walpole; acho que depois de ouvir as tuas contribuições e as tuas palavras todos os meus apontamentos precisam de ser reorganizados. Porque já não sou a mesma pessoa. Mas acho que é essa a beleza do que aqui estamos a tentar fazer. Deixar a porta aberta. Aberta ao Espírito, mas aberta a todas as pessoas que encontrámos e à natureza, que nos fala, todos os dias. Estou aqui em Bruxelas e está um dia maravilhoso, cheio de sol e isto para mim é sempre um presente que chega de Itália. Vou tentar, como a Margarida disse, falar-vos da minha experiência, de como é que no meu trabalho tento viver o que a Laudato Si nos diz. Mas também como é que nos, em conjunto com a FEC e a Casa Velha e muitas pessoas neste encontro tentámos viver e responder ao apelo da Laudato Si ao longo destes últimos anos.

Então, quando recebi o pedido da Casa Velha para participar nestas breves conversas, a primeira citação da Laudato Si que me veio à cabeça foi: “Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias”. E porque escolhi isto como ponto de partida? É porque adoro redes comunitárias, adoro trabalhar com pessoas e acho que isto é graças a Deus. Sou muito grata por Deus me ter dado esta personalidade e as minhas habilidades sociais e toda a minha vida tem sido, até agora em torno de redes. Creio que a Laudato Si me ajuda a compreender melhor porque é que recebi estes dons. Para mim, o trabalho em rede significa diversidade social, diversidade de compromissos, culturas, línguas. Mas também significa que se queremos realmente trazer a mudança temos que o fazer juntos. E tal como dizia o Pedro vivemos num mundo, e também é esse o mundo das ONGs, onde os valores deveriam estar no centro daquilo que fazemos. No fim do dia deparamos com muitas coisas, indivíduos, complicações, conquistas e objetivos... E com todo o trabalho necessário para candidaturas a financiamentos... é muito fácil cairmos em armadilhas. Há também a armadilha de pensar que se consegue sozinho fazer muita coisa e trazer a mudança. Mas a minha experiência é a de que aquilo que traz mudança é o trabalho em conjunto e é construir comunidade. Por isso, não só trabalhamos numa rede mas vivemos numa rede.

Queria contar-vos um pouco da história da rede onde trabalho agora, a CIDSE. Tal como a Margarida (Alvim) disse ao início trata-se de uma rede de organizações católicas para o desenvolvimento. Algo que me faz sentir muito privilegiada em poder trabalhar nesta rede é olhar para a sua história. Olhar para todas as organizações que, ao longo de anos - começando maioritariamente nos anos 60 - tiveram um impacto na história ao fazerem parte de comunidades pelo mundo fora. Isto é o que comunidade é para mim. No sentido em que, sim, é uma mistura de diversas línguas, pessoas, objetivos, papéis mas é um grupo de pessoas que tem um forte sentido de justiça social, à escuta das comunidades que representam. Comunidades que enfrentam todos os dias os desafios deste planeta. Sendo uma rede católica algo de muito significativo para mim é garantir que a Igreja está do lado das mais vulneráveis comunidades do mundo. E isto tem, para

mim, muita força, e sinto que aqui o posso partilhar livremente; por vezes, enquanto católicos sofremos com o não tão claro posicionamento da Igreja em certas situações ou certas regiões. Tenho aprendido ao trabalhar com estas comunidades espalhadas pelo mundo de que é mesmo importante que a Igreja esteja ao lado delas. É o caso daquilo que está a acontecer agora na Amazônia e poderia mencionar muitos mais. E estou segura de que o Pedro nos poderia ensinar muito mais a propósito daquilo que a Igreja pode fazer de forma a apoiar estas comunidades que estão em sofrimento no mundo.

Para que possamos juntos refletir deixem que vos conte o que foi que aconteceu em 2008: tal como provavelmente se lembram, mesmo se a maior parte de vocês era ainda muito jovem, houve uma crise muito grande e para a rede da CIDSE isso foi uma enorme oportunidade para se repensar a forma como imaginávamos o desenvolvimento e a forma como dirigíamos os nossos projetos noutros continentes. Enquanto rede, nesse momento, começámos a refletir sobre o que é que realmente significava desenvolvimento... Como poderíamos estar abertos e ser inspirados pelos desafios e por tudo aquilo que estávamos a enfrentar de maneira a reinventar o que desenvolvimento significa? Foi a isto que chamámos, naquele período, o desafio da mudança de paradigma. Passar de um sistema existente para um novo onde os homens poderiam florir, onde a harmonia entre natureza e humanidade fosse real.

E enquanto realizávamos este questionamento, à procura de respostas, a tentar reorganizar o trabalho que fazíamos, foi quando chegou 2015. E 2015 foi para muitos de nós, que estávamos a trabalhar em desenvolvimento há muitos anos, o ano pelo qual tínhamos estado à espera. Foi o ano do Acordo de Paris, o ano da Agenda 2030 para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, e de mais... Foi um ano de muitos esforços, de uso de conhecimento, de lobby a fazer pressão sobre acordos internacionais, a garantir que esses pudessem resolver todas as crises no mundo. Mas felizmente, e julgo que fomos abençoados por isto, 2015 foi também o ano da Laudato Si. Vimos imediatamente que todos estes acordos internacionais eram imperfeitos. Que eram boas estruturas, boas oportunidades para lutar pela mudança, para apelar à mudança... mas definitivamente incompletos. E, por isso, quando nós enquanto organização católica recebemos o dom que foi a Laudato Si tivemos a grande sorte de ter esta luz que veio iluminar o nosso trabalho e ajudar-nos a compreender o que é que podíamos trazer para a nossa reflexão. Isto foi um verdadeiro momento de viragem para a CIDSE e para o trabalho que estávamos juntos a realizar e estávamos felizes por dizer: "A Laudato Si deverá guiar a nossa estratégia, a nossa visão, o nosso trabalho" mas, imediatamente, apercebemo-nos de que ter a Laudato Si na nossa estratégia e construir família, comunidade que começa na Laudato Si não era a mesma coisa. E requer muitos esforços e requer muitas mudanças e requer muito compromisso. Estou portanto a partilhar convosco o que foi para mim esse momento. E não sou especialista na Laudato Si, estou apenas a tentar aprender e ver o que foi que trouxe à minha vida e ao meu trabalho enquanto trabalhadora no setor do desenvolvimento.

Para mim houve três lições principais que “vi” desde 2015 até hoje. Três lições enquanto tentávamos trazer a Laudato Si para o trabalho. A primeira lição é a frase que escreveu o Papa Francisco na Laudato Si a pedir-nos que escutássemos o choro dos pobres e o choro da terra como um só choro. Lembro-me como se fosse hoje da primeira vez em que lia a Laudato Si e não conseguia pensar noutra coisa senão esta frase. Veio direta ao meu coração. Foi para mim a primeira vez que compreendi o que é que crise interconectada realmente significa. Foi como ter o Papa Francisco à minha frente e dizer-me o que era aquilo que anunciamos e aquilo que queríamos.

Dizia-me o que era aquilo que denunciávamos: a crise que vemos no mundo, - ambiental, económica, a injustiça social, até a pandemia de hoje - eram todas resultado de um sistema que não funciona, um sistema baseado na dominação do homem sobre a natureza, e um sistema que perpetua esta injustiça. Portanto, todas essas crises não estavam isoladas mas eram resultado de um só sistema. Por isso a frase “ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” foi como ter o Papa Francisco a dizer-me “Chiara, não trabalhes em sistemas isolados. Não penses que se trabalhares em economia ou em taxas, que é algo que está «alí» e que se trabalhares em políticas climáticas é algo «aqui». Olha para a crise como interconectada”.

Mas a mesma frase disse-me que anunciar não era suficiente: andávamos a dizer em Bruxelas todos os dias aos decisores políticos que não estavam a fazer um bom trabalho, que tinham que fazer isto, e aquilo,... mas temos que propor algo. O Papa Francisco estava-me a dizer, com esta frase, que tínhamos que parar de usar a palavra desenvolvimento, precisávamos de repensar o que é que florescimento humano significava, precisávamos mesmo de pôr o planeta e a humanidade no centro do nosso trabalho. Portanto, este foi o primeiro grande ensinamento. Cada vez que tenho que falar só consigo sempre que começar por esta frase, não sei porquê... talvez um dia compreenderei porquê.

O segundo ensinamento foi a oportunidade que nos deu a Laudato Si, a nós, que trabalhávamos em políticas e mudanças políticas, de alargar as nossas mentes para além das palavras.

Quando trabalhamos em acordos internacionais passamos tanto tempo mudando uma palavra por outra. Mas depois da Laudato Si tivemos a possibilidade de olhar para além das palavras e dizer que a nossa Igreja, o nosso Papa, a nossa experiência como organização católica pela justiça social dizia-nos que precisávamos de ouvir a ciência - apenas o binómio ciência e fé, juntos (tal como o binómio do choro da terra e o choro dos pobres) nos poderia dar as palavras certas para estes textos dos acordos internacionais - e precisávamos de ouvir as comunidades. A mudança não poderia vir de pequenos detalhes vindos de um escritório cinzento de Bruxelas. Precisávamos de olhar para aquilo que estava a acontecer nas comunidades e criar lugares para as comunidades, para as pessoas que estão a viver os impactos da injustiça e que estão a tentar (tal como estão vocês na Casa Velha) um modelo diferente, e precisamos de dar espaço para que essas experiências sejam vistas.

Mas ainda e, por exemplo, no nosso trabalho relacionado com o clima, frequentemente usamos palavras como urgência e ambição porque sabemos que temos que avançar, que não há tempo, que temos que acelerar a mudança de outra forma tudo colapsará, etc. Mas, de novo, a Laudato Si disse-me “Chiara, tem calma, urgência não significa rápido nem necessariamente «avança sem dar atenção aos detalhes». Urgência significa profundidade.”. Podemos ficar contentes com pequenos ajustes tecnológicos feitos aqui e ali mas urgência e ambição significa que precisamos mesmo de construir e mudar a economia que temos, a forma como vivemos, para que possamos realmente promover uma mudança radical.

Relacionada com a terceira aprendizagem tenho uma história muito pessoal a partilhar. Um dia, no meu escritório, estava a discutir com a Margarida e - de novo, esta é uma imagem que nunca esquecerei - vi que a mudança só pode acontecer se todos os níveis de ação estiverem em ação. E esta é a terceira aprendizagem da Laudato Si. Não consigo mudar o sistema alimentar sozinho se me torno vegetariana mas também não vai mudar se boicotamos Monsanto. O sistema alimentar mudará se fizermos todas estas coisas juntos. A imagem que a Margarida me ofereceu, - foi um presente - é uma belíssima imagem de um elevador: a mudança acontece se conseguirmos conectar todos os andares, apenas se se puder subir e descer por entre as mudanças que se quer trazer. A partir daqui podemos regressar à ideia de comunidade que é chave porque é sobre relação, a relação que pode haver entre os diferentes níveis de mudança.

Tentei através deste desenho mostrar-vos como é que no meu trabalho vejo a Laudato Si ser posta em prática quando se trata de construir comunidade. E então desenhei este círculo laranja; os meus dias começam sempre pela escuta e a aprendizagem que me trazem as pessoas com quem trabalho. Todas elas, indo desde o Giorgio, que trabalha muito perto de mim, mas chegando a todos os parceiros e todas as pessoas com quem me cruzo. E, depois, há um momento de diálogo. Porque escutar, apesar de ser chave, não é suficiente; é preciso a relação, o diálogo. E depois entramos em ação. Mas então, por vezes, achamos que depois de ter entrado em ação estamos já prontos para a próxima ação... mas na realidade não é verdade: temos que começar de novo. E, por vezes, isso é difícil na CIDSE. Temos tanto esforço em tentar montar a ação e pensamos que depois poderemos seguir em frente mas não... Temos de parar de novo e escutar, e aprender, e só então construir uma estratégia e por aí em diante... Portanto, isto é um pouco como vejo o meu trabalho de todos os dias a montar ações conjuntas com outros e a construir comunidade.

E enquanto o Pedro falava acrescentei estes três pontos de reparação cor-de-rosa, pontos onde devo ir recarregar baterias para o processo. Este círculo apenas pode funcionar se eu guardar tempo para mim própria, individualmente, para reflexão e oração, se eu me lembrar dos momentos, se fizer memória daquilo que vivi e refletir sobre isso. Mas também é importante ter pessoas chave “aliados chave”: pessoas capazes de me dar essa energia. E claro, os sonhos... Acho que precisamos de ser um pouco loucos se quisermos realmente trazer a mudança. Pensem no quão louco é o Papa Francisco! Está a fazer este esforço louco e a lutar contra estes inacreditáveis

inimigos. E eu acho que precisamos desta coragem. Precisamos de ser corajosos, arrojados, e precisamos de ser guardadores de sonhos.

Vou terminar com duas imagens.

Imagino que reconheçam esta casa que vos mostro nesta primeira imagem, é a Casa Velha. É uma fotografia tirada no campo que lá tivemos e que foram para mim dias de conversão pessoal. Estava com dificuldades em encontrar o foco no meu trabalho. Estava mesmo a passar por dificuldades... Porque é-nos sempre pedido que tragamos resultados e se algo não tiver corrido bem não podemos continuar porque o financiamento é um problema. Ou então, há um desafio de, enquanto rede, mantê-la unida ora, quando a maior parte dos membros parte em direções diferentes como podemos continuar? E, por isto, eu estava a atravessar um tempo difícil e a perder o entusiasmo. Mas na Casa Velha, ao trabalhar junto a muitos de vocês e ao sonhar convosco, esta experiência coletiva que fizemos, o sentido de comunidade que experimentámos, deu-me, num momento em que a minha vida passava por um tempo duro, muita energia para continuar esta caminhada e para acreditar neste caminho de, no nosso trabalho, “concretizar” a Laudato Si.

A Laudato Si já celebrou cinco anos e certamente não acabámos de a pôr em prática. Mas acredito que podemos aprender muito com estes cinco anos. E quero vos oferecer uma imagem como energia para o futuro que está diante de nós... Estamos no ano de 2020, que era suposto ser um grande ano para a comunidade internacional, mas vemos a crise de todo o contexto político, estamos a sofrer uma pandemia global, etc. Temos uma mensagem da ciência que nos diz que temos apenas dez anos para mudar a economia mundial se quisermos de facto trazer a mudança. E por isso, precisamos de ter sonhos para a década de 2020-2030. O nosso papel aqui, a razão pela qual construímos comunidade, o porquê de trabalharmos juntos, é para levar ao mundo uma nova narrativa. O nosso dever enquanto organização católica, enquanto ativistas pela justiça social é de continuar a sonhar e construir no público uma narrativa de restauração... tal como na imagem que imagino de um título no maior jornal de Portugal a dizer: "2020 é a década da restauração, a década da harmonia entre a humanidade e a natureza". Essa é a imagem que vos gostaria de oferecer de forma a continuarmos. Porque acredito que há muito trabalho a fazer mas acredito que trazemos um grande tesouro nos nossos corações, na nossa fé, na nossa comunidade, para pôr ao serviço da humanidade.